

# Para retomar a Construção Interrompida<sup>1</sup>

Francisco de Oliveira

Tem razão João Saboia, organizador deste livro: o pensamento de Celso Furtado, sua herança teórica, sua luta pelo desenvolvimento latino-americano, sua postura ética, sua vocação de servidor público são cada vez mais celebrados como um patrimônio da Nação brasileira e de outros países de sua amada América Latina. Furtado é o mais latino-americano dos brasileiros.

Nas três últimas décadas o desastre neoliberal estendeu seu manto de desprezo por toda “Nuestra América”, na forma de políticas econômicas nefastas, desregulamentadoras, privatizantes e anti-sociais, e de um “pensamento único” que desqualificou todos que não rezavam por essa absurda cartilha falsamente liberal. O pensamento e a obra de Celso Furtado, assim como a de Raúl Prebisch, o grande líder da inesquecível CEPAL, foram desautorizados e considerados desatualizados para um mundo e uma economia que se globalizavam; teorias feitas para recortes nacionais pareciam, portanto, obsoletas.

Desde então, quando o fracasso das políticas neoliberais começou a ser evidente, assiste-se à recuperação de Celso Furtado e outros clássicos do pensamento latino-americano. Multiplicam-se seminários

---

<sup>1</sup> Este texto é o Prefácio ao livro *Celso Furtado e o Século XXI* (2006), de João Saboia e Fernando J. Cardim de Carvalho (org.). Barueri, SP: Manole; Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ.

sobre Celso Furtado, criam-se cátedras com seu nome, com sua obra obra como programa. Isso ocorre na Faculdade de Economia da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, por exemplo, o que é, também, uma enorme ironia, pois a universidade leva o nome de um dos executivos mais importantes do capital estrangeiro no Brasil. Outrossim, o BNDES, onde ele atuou como diretor regional, criou e acolheu o Centro Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. Desde os anos cinquenta o Departamento Econômico do BNDES, ainda sem o S, foi sem dúvida o núcleo de economistas furtadianos mais importante, porque, com seu inigualável papel de financiador de capital a longo prazo, o Banco imprimiu esse pensamento em muitas das políticas e projetos que levou a cabo e incentivou. No mesmo departamento, uma geração de economistas, liderados por Furtado, editou a *Econômica Brasileira*, uma revista que foi a alternativa à então dominante *Revista Brasileira de Economia*, esta editada desde sempre pela FGV e seu grupo dominante, o de Eugênio Gudin.

O desenho de política econômica brasileira, assim como latino-americana em geral, foi fortemente cepalino e, no Brasil, furtadiano, inespecífico e sem história até a sociedade emergir da ditadura militar (1964-1984) e, surpreendentemente, ser conduzida por governos civis, os quais adotaram a cartilha neoliberal. O preço pago foi enorme e ainda cobrará seus juros por muito tempo.

Recuperar o pensamento de Celso Furtado, que sempre foi produzido para a ação, não é uma tarefa simples. Faze-lo passar pela prova da

História, isto é, transformá-lo em agenda da política e de novo em ação é ainda mais difícil. Pois o pensamento da CEPAL e de um de seus mais eminentes membros — ousou dizer, sem medo de ranço brasileiro, do seu segundo mais eminente membro, seguindo-se ao de Raúl Prebisch — passou por essa difícil prova, ao converter-se em referência principal e essencial para a Nação Latino-americana. Nos termos de Gramsci, a obra de Furtado tornou-se uma ideologia, vale dizer, uma forma de pensar o mundo latino-americano e informar a ação reformadora. Poucas produções teóricas podem se gabar dessa façanha. Marx já dizia que a teoria tem uma força transformadora insuspeitada quando é tomada pelos homens como arma na luta de classes.

Aliás, modernamente a teoria do desenvolvimento, de que Rostow talvez seja seu mais eminente representante, é também uma teoria para a ação, tão fortemente ideológica e ideologizada que pautou também a política imperialista para a ação na América Latina. Este é um primeiro resultado de estudos que Flávio Diniz Ribeiro está conduzindo em sua tese de doutoramento no Departamento de História da USP, e se aqui o cito é para não usurpar-lhe os méritos.

Assim, as duas principais vertentes modernas de uma teoria do desenvolvimento, claramente distintas da que o liberalismo herdou de Ricardo, são intervencionistas. Uma, a de Rostow, para produzir a expansão do imperialismo norte-americano, a outra, a da Cepal e de Furtado, para lograr transformar a independência política de “Nuestra

América”, obra do século XIX, em independência econômica, que seria a tarefa do século XX.

Resgatar a herança de Furtado não é tarefa para falsos biólogos sociais; ela não é clonável. Repeti-la também não honraria o grande economista político — frise-se, *economista político*, pois uma das originalidades de Furtado foi exatamente fundir teoria e história. Aliás, um dos capítulos em que a obra de Furtado tem sido mal estudada é justamente sua qualidade de cientista político incomparável entre os demiurgos brasileiros (a expressão é de Antonio Candido ao nomear assim a tríade clássica Freyre-Buarque de Holanda-Prado Júnior).

Furtado tem sido estudado como economista, mas a dimensão e a profundidade políticas de seu pensamento são claramente subestimadas mesmo pelos que lhe seguem os passos teóricos. Neste sentido, Furtado é também um herdeiro de outra tradição da ciência social brasileira, encarnada nos pensadores autoritários das quatro primeiras décadas do século XX: a de um pensamento para a ação transformadora. Furtado nega as posições conservadoras daquela plêiade, mas não vacila em pensar para a ação política.

Essa obra deve ser obrigatoriamente ponto de partida, não de chegada. Isto é, um enorme esforço teórico deve interrogar sobre as novas condições das nações em um capitalismo globalizado — ou mundializado, como prefere Chesnais —, bem como sobre os novos sujeitos da História e sobre as formações políticas. Chame-se

globalização ou mundialização, este é um processo real, e não apenas ideológico.

Este conjunto de trabalhos é resultado de mais um seminário organizado pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ) e resgata, recupera, sem clonar, e também sem anacronismos, o pensamento de Furtado. Por isso intitulei este prefácio plagiando Furtado — Para retomar a Construção Interrompida.